

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E
ANÁLISE EXISTENCIAL

SOFIA SILVA JUNQUEIRA

UMA CLÍNICA DE CORPOS NO CAMPO:
A GESTALT-TERAPIA COMO UMA ABORDAGEM DO SENTIR

Belo Horizonte
2022

SOFIA SILVA JUNQUEIRA

**UMA CLÍNICA DE CORPOS NO CAMPO:
A GESTALT-TERAPIA COMO UMA ABORDAGEM DO SENTIR**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Minas Gerais, no Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Claudia Lins
Cardoso

Belo Horizonte
2022

150	Junqueira, Sofia Silva.
J95c	Uma clínica de corpos no campo [recurso eletrônico] : a
2022	gestalt-terapia como uma abordagem do sentir / Sofia Silva Junqueira. - 2022.
	1 recurso on-line (36 f.) : pdf
	Orientadora: Cláudia Lins Cardoso.
	 Monografia apresentada ao curso de Especialização em Psicologia - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
	Inclui bibliografia
	 1.Gestalt-terapia. 2.Psicologia. 3. Teoria de campo (Psicologia social). I.Cardoso, Cláudia Lins. II.Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III.Título.

Ficha catalográfica elaborada por Vilma Carvalho de Souza - Bibliotecária - CRB-6/1390



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

Folha de Aprovação
UMA CLÍNICA DE CORPOS NO CAMPO: A GESTALT-TERAPIA COMO UMA ABORDAGEM DO SENTIR
SOFIA SILVA JUNQUEIRA

monografia defendida e aprovada, no dia **oito de dezembro de 2022**, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

Claudia Lins Cardoso - Orientadora
FAFICH/UFMG

Patrícia Valle de Albuquerque Lima
FAFICH/UFMG

Belo Horizonte, 20 de abril de 2023.
Prof^ª. Dr^ª. Claudia Lins Cardoso
Coordenadora do Curso



Documento assinado eletronicamente por **Valteir Gonçalves Ribeiro, Chefe de seção**, em 20/04/2023, às 13:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Claudia Lins Cardoso, Professora do Magistério Superior**, em 24/04/2023, às 10:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2244646** e o código CRC **9446B496**.

Agradeço aos meus familiares, amigos e parceiros. Agradeço aos professores e funcionários da UFMG.

Dedico este trabalho aos meus sonhos que se sustentam através dessa temática. Dedico meus estudos aos clientes que tanto me atravessam e me fazem querer ser uma profissional dedicada ao suporte que posso proporcionar.

*Lembra do tempo que você sentia
e sentir
era a forma mais sábia de saber
e você nem sabia?*

Alice Ruiz

RESUMO

A clínica gestáltica nasce como uma proposta disruptiva dos movimentos da psicanálise e do positivismo do século XX, com a proposta de construir uma modalidade de psicoterapia que fosse pautada na situação presente e nas compreensões fenomenológicas e holísticas sobre a existência humana. Assim a Gestalt-terapia surge como uma abordagem pautada no campo fenomenal, incluindo psicoterapeuta como parte essencial da totalidade do processo psicoterapêutico do cliente. Neste sentido, abrem-se caminhos para se pensar nas possibilidades de implicação do psicoterapeuta enquanto corpo fenomênico (*lieb*) portador de sentidos e sensações, a fim de possibilitar novos contatos e produzir *awareness* das situações figurais dentro do encontro psicoterapêutico.

Palavras-chave: Gestalt-terapia. Psicologia. Corpo.

ABSTRACT

The gestaltic clinic was born as a disruptive proposal from the movements of psychoanalysis and positivism of the 20th century, with the proposal to build a modality of psychotherapy that was guided by present situation and phenomenological and holistic backgrounds about human existence. Thus, Gestalt-therapy comes up as an approach based on the phenomenal field, including the psychotherapist as an essential part of the totality of the client's psychotherapeutic process. In this sense, ways are opened to think about the possibilities of involvement of the psychotherapist as a phenomenal body (*lieb*) bearer of senses and sensations, in order to enable new contacts and produce awareness of figural situations within the psychotherapeutic encounter.

Key words: Gestalt-therapy. Psychology. Body.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 O FUNDO GESTÁLTICO.....	12
1.1 A Abordagem	12
1.2 O Viés Fenomenológico da Gestalt-terapia.....	14
1.3 A Teoria de Campo.....	15
1.4 Uma Psicoterapia Relacional Dialógica.....	17
1.5 Uma Nova Gestalt.....	18
2. SER, CORPO E GESTALT-TERAPIA.....	20
3. O CORPO CLÍNICO.....	25
3.1 Relato da Identificação.....	29
3.2 Relato da Diferenciação.....	29
CONCLUSÃO.....	31
REFERÊNCIAS.....	34

INTRODUÇÃO

A presente monografia propõe investigar acerca das possibilidades de implicação do corpo do psicoterapeuta no ambiente da psicologia clínica a partir da concepção de campo de Kurt Lewin, da proposta de uma psicoterapia relacional dialógica de Buber, e de fenomenologia, fundamentos da Gestalt-terapia, tendo como base a compreensão merleau-pontyana de corpo e existência.

De acordo com a perspectiva de Merleau-Ponty, o corpo tem lugar central na experiência de ser-no-mundo (PRADO, CALDAS e QUEIROZ, 2012), sendo que, concebido enquanto potencial expressivo e experiência encarnada (ALVIM, 2011), configura a existência enquanto ela mesma, ultrapassando a dicotomia clássica que separa corpo e mente (LIMA, 2014). Assim, a definição merleau-pontyana de corpo ganha também a dimensão de consciência, uma vez que o corpo constitui uma ciência pré-intelectiva e primária da vivência, tendo um contato anterior à abstração intelectualizada com a experiência.

Em um sentido semelhante, Kurt Lewin teoriza uma superação da divisão organismo-ambiente ou organismo-organismo, propondo um olhar totalizante e subjetivo para a noção de campo, indo além das ideias de um campo geográfico e de separação entre ser e ambiente (YONTEF, 1998).

Para ambos teóricos, Lewin e Ponty, a sedimentação das totalidades experienciais em partes (organismo-meio; mente-corpo) somente são possíveis a partir de abstrações. Neste sentido, torna-se mister uma reflexão acerca da corporeidade vivida não somente no consulente, dentro do espaço-tempo do encontro terapêutico, mas também da experiência sensível e afetiva do sujeito que ocupa o papel de terapeuta.

Polster e Polster (2001) ressaltam a implicação do psicoterapeuta no encontro terapêutico quando o colocam enquanto próprio instrumento para a psicoterapia, este indiferenciável de seus próprios sentimentos, sentidos e corpo, no dado momento se coloca como uma “câmara de ressonância” (POLSTER e POLSTER, 2001, p. 36) para receber e reverberar o que acontece no campo da terapia. É nesta mesma direção que Yontef (1998) propõe que todo Gestalt-terapeuta se aprofunde na Teoria de Campo. Para o autor, a dimensão de campo estruturada pela teoria em questão é o fundo que dá sustento para todo o

desenvolvimento da Gestalt-terapia, enquanto fenomenológica e existencial dialógica. Nesse sentido, ele afirma que "o campo é uma fatalidade unitária: tudo no campo afeta todo o resto" (YONTEF, 1998, p.184), e todo o resto se afeta enquanto constitui o campo, em um movimento de cocriação constante.

"A amplitude de interação, na qual a experiência do terapeuta é pertinente — até mesmo indispensável — para o pleno envolvimento terapêutico, é muito grande. O reconhecimento da centralidade da própria experiência do terapeuta existe não só na gestalt-terapia, mas também no trabalho rogeriano, na terapia experiencial, no treinamento de sensibilidade, e entre os psicólogos de orientação existencial, que vêem a terapia como um envolvimento humano de duas vias. Dentro desta perspectiva, incluir a experiência do terapeuta é tão simples quanto dizer que um mais um é igual a dois. (POLSTER e POLSTER. 2001, p. 39)

A partir desta premissa, o presente trabalho busca levantar questionamentos acerca da relação do psicoterapeuta para com ele mesmo enquanto se relaciona também com o consulente, compreendendo que ele é órgão vital do campo que ali se estabelece. No sentido de refletir formas de ser e perceber no tempo-espço do encontro, busca-se correlacionar as ideias de campo e corpo, presença, *epoché* e relação dialógica com as finalidades de ressaltar a importância de uma verdadeira implicação do sujeito psicoterapeuta e conceber questões éticas e de responsabilidade que permeiam a dimensão de uma presença autêntica dentro da clínica em Gestalt-terapia.

Por estes vieses, este texto propõe pensar a relação clínica em psicoterapia considerando o psicólogo enquanto corpo presente dentro do campo de interação organismo-ambiente: o psicoterapeuta enquanto um organismo que co-cria o campo em conjunto ao consulente, que, por sua vez, afeta e é afetado pelo mesmo. Neste sentido, compreendendo uma percepção pré-intelectiva experienciada corporalmente, procura-se explorar possibilidades de pensar a implicação do corpo-psicoterapeuta enquanto instrumento para intervenções clínicas.

O período contemporâneo se configura pelo atravessamento da tecnologia na experiência do ser humano, a aceleração do tempo, a superficialização de relações interpessoais, a hiperestimulação e o hedonismo, e o desengajamento da realidade concreta em virtude da virtualidade. Estetizado por uma espécie de tecnocracia, a configuração do campo de trabalho psicoterapêutico se estrutura cada vez mais pela presença de artefatos tecnológicos. Para além das questões que envolvem a clínica ministrada pela modalidade on-line, outra característica diz respeito à relação

do sujeito que trabalha com psicologia dentro da perspectiva pós-moderna e como o mesmo também é figura no fundo comum do contexto social.

Ao compreendermos as características da vivência contemporânea, surge a necessidade de refletirmos os desafios que as mesmas expressam para o trabalho do psicoterapeuta diante da noção de que o mesmo também é um sujeito-no-mundo e, sendo assim, também constituído pela estética pós-moderna.

Sendo assim, a presente monografia se divide em três momentos. No primeiro capítulo, debruça-se sobre a exposição dos conceitos e fundamentos gestálticos que embasam a proposta de uma clínica no campo relacional dialógico, passando por breves descrições da Abordagem Gestáltica, do viés fenomenológico da mesma, da Teoria de Campo de Kurt Lewin, e da Psicoterapia Relacional Dialógica proposta por Martin Buber; tendo como suporte autores como Perls, Hefferline e Goodman (1997), Yontef (1998), Buber (2001), entre outros.

O segundo capítulo, que carrega o nome de “Ser, corpo e Gestalt-terapia”, busca trazer à tona a perspectiva de corpo de Merleau Ponty (1994) em relação a teoria gestáltica, se apoiando em autores como Alvim (2011) e Prado *et al* (2012).

O terceiro capítulo, procura entrelaçar os conceitos trabalhados ao longo do texto para pensar nas possibilidades de compreensão e implicação do corpo do terapeuta enquanto corpo-clínico, buscando o apoio teórico de autores como Cardella (2020), Ginger e Ginger (1995) dentre outros. Composto também dois breves relatos de experiências profissionais que buscam exemplificar a teoria trabalhada até então.

Por fim, conclui-se estilizando uma nova gestalt a ser contatada pelo corpo-clínico e abrindo espaço para novas formas de pensar e de estruturar o fazer-psi pela clínica gestáltica. Compreendendo-a como uma proposta ética, estética e política de trabalho psicoterapêutico.

1. O FUNDO GESTÁLTICO

1.1 A Abordagem

Compreendendo a argumentação contextual como forma de trabalho gestáltico, ressalta-se que uma das características mais marcantes da modernidade, período gestacional da abordagem em questão, foi o desenvolvimento das especialidades e a formação dos especialistas (LATOURET, 1994). Com a difusão do método científico e a ampliação da ciência, os campos de estudos se tornaram cada vez mais específicos e enquadrados aos modelos laboratoriais, expandindo assim a noção de distanciamento entre pesquisador e objeto de pesquisa, premissa da metodologia científica da época. Seguindo este caminho, o início da Psicologia, na busca da validação científica, se estruturou pela separação radical entre psicoterapeuta e consultante.

Em outras palavras, a modernidade foi marcada pela retalhação da existência em segmentos diferentes de estudo e pesquisa, o que, apesar de necessário para a compreensão de muitos aspectos específicos, gerou também uma grande perda quando se refere aos temas existenciais. Neste sentido, a Gestalt-terapia surge como uma perspectiva de antítese às teses dicotômicas, configurando um apanhado dos retalhos e a junção dos mesmos para a costura dessa colcha, a qual carrega história e uma postura política quando propõe que a existência é uma totalidade unificada.

Em toda ou qualquer investigação biológica, psicológica ou sociológica temos que partir da interação entre organismo e seu ambiente. Não tem sentido falar, por exemplo, de um animal que respira sem considerar o ar e o oxigênio como parte da definição deste, ou falar de comer sem considerar a comida, ou de enxergar sem luz, ou de locomoção sem gravidade [...] (PERLS *et al*, 1997, p.42)

A Gestalt-terapia foi construída a partir de várias fontes que, se harmonizando, compuseram uma nova *gestalt*. Costurada pelo grupo dos Sete, a abordagem se sustenta por um olhar totalizante sobre a existência. Fritz Perls, Laura Perls, Paul Goodman, Isadore From, Paul Wexler, Elliot Shapiro e Sylvester Eastman elaboraram uma linha clínica para o trabalho psicoterapêutico que propunha, antes de tudo, a superação das dicotomias modernas que baseavam a psicanálise do período: mente x corpo, self x mundo externo, emocional x real, pessoal x social, consciente x inconsciente (PERLS *et al*, 1997) entre outras esferas

que, naquele contexto, foram binarizadas e tratadas, muitas vezes, de modos separados.

Para a Gestalt-terapia, a compreensão da existência enquanto um todo não é o problema pois, na contramão disso, a abordagem parte da inegabilidade deste ponto. A perspectiva holística evidencia a unicidade da existência enquanto complexos de partes e de totalidades. Assim, todas as partes pertencem a totalidades maiores, e todas as totalidades são partes de outros todos. A epistemologia holística propõe que as totalidades são algo a mais que a simples soma das partes que as mesmas englobam, trazendo um novo elemento à tona: a relação. A complexidade, então, se dá na busca por “clarear as relações entre as partes e todos” (PERLS *et al*, 1997, p.65) e produzir *awareness* das situações.

O conceito de *awareness* configura um grande desafio de definição, ao mesmo tempo em que compõe toda a estrutura de base da teoria gestáltica. Em função das diferenças linguísticas entre a naturalidade norte-americana da Gestalt-terapia e a língua portuguesa, as primeiras traduções trouxeram *awareness* como sinônimo de consciência. Esta tradução carrega problemáticas uma vez que os conceitos ingleses equivalentes à consciência seriam *conscience* ou *consciousness*, enquanto *awareness* propriamente dita não possui correspondência nas línguas neolatinas, como o português.

Perls, Hefferline e Goodman (1997) não se dedicaram à conceituar a palavra em questão (especula-se que pela familiaridade linguística), trazendo-a por toda sua obra como um conceito pré-estabelecido. Por tal, refere-se a definições postas por Yontef (1998), para a compreensão dessa noção essencial do trabalho gestáltico:

Awareness é uma forma de experienciar. É o processo de estar em contato vigilante com o evento mais importante do campo indivíduo/ambiente, com total apoio sensorio motor, emocional, cognitivo e energético. [...] A *awareness* é, em si, a integração de um problema.(YONTEF, 1998, p.215)

Na gestalt, o único objetivo é a *awareness*. Isso abrange maior *awareness* em determinada área, e, também, maior capacidade de os pacientes trazerem seus hábitos automatizados à *awareness*, conforme a necessidade. No sentido anterior, *awareness* é conteúdo; no posterior, é processo. A *awareness*, tanto como conteúdo quanto como processo, progride para níveis mais profundos com o avanço da terapia. A *awareness* compreende o conhecimento do ambiente, a responsabilidade pelas escolhas, o autoconhecimento, a auto-aceitação e a capacidade de contato.(YONTEF, 1998, p.37)

A partir destas palavras, torna-se mister a compreensão da Gestalt-terapia como uma abordagem pautada na dimensão da experiência. Em outras palavras, admite-se que sujeito e ambiente compõem partes de uma mesma totalidade e que a relação entre ambas é o que constitui o campo situacional. O foco da psicoterapia gestáltica, então, é promover integração entre as partes trazendo ao campo da experimentação a emergência das relações entre as mesmas. Para tal, a Gestalt-terapia recorre a Fenomenologia e a Teoria de Campo de Kurt Lewin como metodologias do fazer clínico, e à perspectiva Buberiana para a produção de um modelo de psicoterapia dialógico.

1.2 O viés fenomenológico da Gestalt-terapia

Antes de adentrarmos na Fenomenologia, é necessário descalçarmo-nos, tocar os pés no chão e nos permitirmos experienciar o toque que evidencia, metafórica e pragmaticamente, a nossa interseccionalidade com o mundo: o pé que sente, pertencente à totalidade do corpo, carrega a experiência do chão sentido e faz fronteira com o mundo que comporta o ser. O pé pisa, mas o corpo todo dá-se conta de estar pisando e experimentando o chão. A temperatura, a textura, as sensações que reverberam ultrapassam a parte e afetam o todo.

A primeira premissa que configura o método fenomenológico é a inseparabilidade entre ser e mundo, uma vez que o olhar fenomenológico entende que todo sujeito é sujeito dentro de um mundo e que todo mundo somente o é, para um sujeito que o experiencia. A impossibilidade de separação, apesar de um pressuposto básico para a estruturação da metodologia em questão, é, nesta pesquisa, elemento figural.

A Psicologia de base fenomenológica busca a superação da dicotomia sujeito-mundo, pela perspectiva de que, quando falamos de existência, separar as circunstâncias que caracterizam as situações é negar as situações em si. Neste sentido, considera-se que “ao investigar fatos e relações entre fatos a psicologia perde o homem” (REHFELD 2013, p.32), uma vez que a existência ultrapassa as noções de causalidade e correlação. Para esse método, as situações se configuram pelo que são, compreendendo o homem em sua facticidade, e por tal, caracteriza-se por um método exploratório que concebe a descrição como principal via de acesso à experiência.

O método fenomenológico se sustenta pela postura inicial da *epoché* ou redução fenomenológica. Este movimento propõe uma suspensão temporária dos *a priori* a fim de possibilitar a constituição de um encontro verdadeiro entre sujeito e situação. Na experiência clínica da psicoterapia, a *epoché* configura um modo de presentificação do psicólogo, que consiste em “colocar entre parênteses” técnicas, teorias, histórias, vida pessoal, e outros atravessamentos do sujeito psi anteriores ao encontro com o consulente. Tal modo caminha lado a lado com a noção gestáltica de temporalidade, quando compreende que o fenômeno se dá no aqui-agora do encontro, trazendo, a partir da redução fenomenológica, o clínico ao presente imediato.

Ao suspender as crenças, técnicas e *a priori*, ao contrário do que a lógica categórica e nosológica que a clínica moderna sugere, o psicoterapeuta se permite experienciar as sensações que o sujeito lhe provoca, tal como ver, ouvir, sentir e se dispor a contatar o fenômeno que emerge no campo situacional. É importante ressaltar que “colocar entre parênteses” toda concepção pré-estabelecida é, por definição, a radical contradição de se retirar ou se ausentar do encontro, em via que: o psicólogo fundamentado pela ótica fenomenológica não abstrai, não recorre ao passado ou ao futuro. Ainda assim, constitui um corpo histórico, uma biografia, que experimenta a totalidade de estar-com o cliente.

1.3 A Teoria de Campo

De encontro a abordagem fenomenológica, a Teoria de Campo de Kurt Lewin entende a unicidade da situação como característica primordial. Antes de mais nada, é necessário sublinhar que esta abordagem concebe uma noção que ultrapassa a ideia de campo geográfico, sendo campo, para Lewin, algo muito além da dimensão física: a “totalidade dos fatos coexistentes, concebidos em termos de mútua interdependência” (LEWIN *apud* HALL e LINDZEY, 1973, página?). Neste sentido, Lewin implica a presença dos sujeitos e as relações interpessoais e intrapessoais como constituintes do campo, e compreende que todos os elementos afetam e são afetados pelo mesmo.

Nessa perspectiva, o comportamento humano é fruto da singular composição de forças do campo vivido. Para tal, concebe que o ser tem consigo um mundo pessoal, um campo psicológico, estruturado em sua própria experiência no mundo,

seu campo vital. Esta esfera pessoal é parte integrante do campo total, relacional, que se dá pela multiplicidade de forças presentes nas situações. É necessário ressaltar que a formação do campo ocorre sempre no momento presente, conferindo ao mesmo um caráter fluido de impermanência e de transformações constantes. Além disso, o campo total não se reduz à soma das partes presentes, ao contrário, transgride a noção de separabilidade entre as mesmas e formula uma dimensão distinta e única.

Ribeiro (2011) propõe a Teoria de Campo como uma figura pertencente ao fundo holístico da Gestalt-terapia, uma vez que percebe que o campo, proposto por Lewin, abraça a totalidade da situação, abarcando os sujeitos enquanto seres biopsicossociais, que corporificam histórias e se constituem no tempo. Por essa perspectiva, o campo do encontro psicoterapêutico se configura pela resultante de forças presentes na dimensão espaço-temporal do aqui-agora, que somam campo psicológico-pessoal do cliente, do psicoterapeuta, e dos atravessamentos entre espaços, sujeitos, histórias, e todos os elementos, físicos ou metafísicos, que integram e conferem uma conjuntura estética ao momento.

A definição de Campo, para a teoria Lewiniana, o caracteriza como uma teia sistemática de relações (YONTEF, 1998), ou seja, é uma totalidade complexa e conjunta de forças que formam uma nova *gestalt*, uma nova forma que se diferencia daquelas anteriores. Essa perspectiva evidencia um território entre os elementos que não se limita à existência de um ou de outro elemento específico, mas se produz na interação entre ambos. Neste mesmo viés, salienta-se o caráter existencialista da inerência dos relacionamentos da vida humana: todo ser é ser-com, todo existir é um co-existir. Na percepção de que a vida, tal como a concebemos, é sempre em relação.

É a partir da inseparabilidade do ser de seus relacionamentos que o campo se constitui, compreendendo elementos como forças e potenciais, e a integração e unicidade entre os presentes na situação como produtores dos fenômenos.

Outra caracterização é a dimensão longitudinal e espaço-temporal do campo, que acentua o caráter de temporalidade, espacialidade e fluidez do mesmo (ITGT, 2022)._Em outras palavras, o campo se constitui como um *continuum*, ou seja, uma constante de transformações e mutações no tempo e no espaço. “Campo: Algo que existe no espaço e no tempo, em oposição a uma partícula que existe apenas em um ponto no tempo.” (HAWKING *apud* YONTEF, 1998, p. 188). Nesta passagem, o

autor ressalta o elemento enquanto algo limitado àquilo que é, e o campo, como algo extenso que compõe aquilo que foi, está sendo e o porvir.

O trabalho do Gestalt-terapeuta embasado na perspectiva de campo é, então, voltado para a compreensão do espaço vital trazido pelo consulente, tanto a experiência vivenciada nas situações narradas quanto pela experiência compartilhada, campo cocriado por psicoterapeuta e consulente durante a dimensão espaço-temporal do fazer clínico.

1.4 Uma psicoterapia relacional dialógica

A Gestalt-terapia se configura como uma psicoterapia relacional dialógica. Por outro modo, é uma abordagem que se constrói na base da presentificação e do engajamento de ambos presentes na situação. Assim, parte da inseparabilidade do ser e do mundo, da questão da inerência relacional da existência e do diálogo, da troca e co-afetação entre as partes. Buber (2001) postula que a condição existencial do Ser é a dualidade do que o Existencialismo chama de “ser-com”, e evidencia que a questão do Ser se dá através das duas possibilidades do “com”: Ser-com-ser ou ser-com-objeto; o que o autor compreende como Eu-Tu e Eu-isso. Para a perspectiva Buberiana, Eu-Tu e Eu-isso estruturam palavras completamente diferentes, uma vez que Eu-Tu figura a dimensão da alteridade enquanto Eu-isso manifesta uma relação de objetificação.

Em sua obra “Eu-Tu” (BUBER, 2001), o autor postula que quando se fala de um sujeito, aborda-se uma dessas relações, situando o homem sempre em relação com algo ou com o outro. Assim, em consonância às outras filosofias que fundamentam a abordagem gestáltica, toda situação humana se configura como uma relação.

Não há Eu em si, mas apenas o Eu da palavra-princípio Eu-Tu e o Eu da palavra princípio Eu-Isso. Quando o homem diz Eu, ele quer dizer um dos dois. O Eu ao qual se refere está presente quando ele diz Eu. Do mesmo modo quando ele profere Tu ou Isso, o Eu de uma palavra-princípio está presente. (BUBER, 2001, p. 43)

A proposta de Buber (2001) é que todo sujeito só o é em conjunto a uma relação, e que o modo de se relacionar, objetificante ou de validação da alteridade, define o ser a quem se refere. Por este olhar, assimila-se que enquanto a relação Eu-Tu estrutura a própria condição viva de alteridade do Eu, a relação Eu-isso o caracteriza como objeto.

Pelo viés de validar a experiência viva como algo singular, pertencente ao campo, a proposta de psicoterapia relacional parte, então, da estruturação de uma postura de relação Eu-Tu entre psicoterapeuta e consulente. Uma vez que essencialmente o encontro terapêutico é estruturado por uma relação Eu-isso, ultrapassada pela dimensão do trabalho, do tempo cronometrado e até mesmo da hierarquia entre profissional-cliente que dá tonalidade à situação. Por tal, a proposta de uma psicoterapia relacional dialógica sustenta o olhar sobre o ser dentro de suas múltiplas possibilidades de se expressar, e ressalta que dentro da relação psicoterapêutica não deve haver espaços para a redução dos presentes à condição de objeto. Na contramão disso, torna evidente que psicólogo e consulente(s) são partes vivas daquela, e assim, se afetam, se transformam e transgridem quaisquer tentativas reducionistas ou mecanicistas de compreensão.

Enquanto psicoterapia dialógica, a Gestalt-terapia se apropria do método dialógico. Com outras palavras, a abordagem gestáltica atina para o potencial da troca e do contato com a alteridade como potenciais para a produção de *awareness*, de integração das situações vivenciadas pelo sujeito e, assim, de cura.

1.5 Uma nova Gestalt

Fundamentada em teorias que valorizam todas as partes do campo psicoterapêutico como forma do fazer-psi, a Gestalt-terapia traz para a área da Psicologia discussões disruptivas. Como antítese da psicanálise freudiana do século XVIII e das forças positivistas da ciência da época, a teoria gestáltica implica na inclusão de esferas como corpo, contexto social-histórico, política, ecologia e até mesmo a experiência do terapeuta no debate da clínica psicológica.

É mister a apreensão da abordagem gestáltica como uma nova *gestalt* entrelaçada por diferentes partes mas que conversam entre si. Tomando como ponto de partida o fundo holístico que figura a Gestalt-terapia como uma totalidade, enxergamos a Fenomenologia, a Teoria de Campo e a Psicoterapia Relacional

Dialógica Buberiana como partes. A relação essencial entre as partes cria um território para o encontro clínico e dão tonalidade à qualquer perspectiva que parta do mesmo.

Por este viés, é necessário cuidado para não cair em um engano de compreender as partes como iguais, ignorando a singularidade da constituição de cada, ao passo em que, pertencentes ao mesmo fundo, sustentam uma visão de homem complexa, que o coloca no campo relacional. De outro modo, a singularidade de cada uma das partes que constituem a Gestalt-Terapia promove a percepção do ser enquanto um ser na fronteira, que está sempre para o porvir daquilo que o ultrapassa, diante das coisas, das situações e da alteridade de ser em conjunto com outros seres.

Essa nova *gestalt* dá suporte para o trabalho psicoterapêutico e sustenta uma postura política quando compreende o valor da existência singular, do contexto, do encontro e das relações. É a proposta de uma clínica construída no *entre*, atenta às forças presentes no campo, na entrega do sujeito-clínico para o encontro, pela abertura ao porvir e pela construção conjunta de novas *gestalten*.

2. SER, CORPO E GESTALT-TERAPIA

Ao abordar a existência como uma totalidade complexa, é preciso também trazer à frente a dimensão que a territorializa na experiência concreta, o corpo. Perls, Hefferline e Goodman (1997) abarcam a dimensão corpórea como algo intrínseco a toda experiência, uma vez que concebem que a dicotomia corpo-mente é ilusória e fruto do movimento cientificista da modernidade. Para os autores em questão, não faz sentido nos debruçarmos sobre a ideia de somatização ou de uma experiência psicossomática tal como a psicanálise nomeia, pois assimila-se as partes de maneira integrativa, concebendo que todo ser é um organismo, e que, assim, toda vivência, de sofrimento ou não, é corpórea.

É importante salientar que a Gestalt-terapia não se dedica a estudar o corpo enquanto corpo-objetivo (*körper*), como as ciências médicas ou as terapias corporais; ao contrário disso, se debruça sobre o corpo enquanto corpo-fenomenal (*lieb*), corpo-experiência (ALVIM, 2011). Ainda assim, é preciso a noção de que a mesma sinaliza que corpo-fenomenal e corpo-objetivo não configuram coisas diferentes, negando uma divisão dicotômica, mas dimensões da mesma totalidade.

Seguindo esse ritmo, Perls Hefferline e Goodman (1997) compreendem que a noção de organismo diz respeito à totalidade da situação existencial do ser. Explicitam também que a questão da separação entre mundos externo e interno da psicanálise moderna com a noção de consciência da teoria em questão seria contraditória, por levar o entendimento do corpo como parte do mundo externo, uma vez que somente à ideia de mente, consciente e inconsciente, corresponde ao interior (PERLS, HEFFERLINE E GOODMAN, 1997).

A definição de um organismo é a definição de um campo organismo/ambiente; e a fronteira-de-contato é, por assim dizer, o órgão específico de *awareness* de situação nova do campo, em contraste, por exemplo, com os órgãos 'orgânicos' mais internos do metabolismo ou da circulação que funcionam conservativamente sem necessidade de *awareness*, deliberação, seleção ou evitação da novidade. No caso de uma planta fixa, um campo de organismo/solo, ar etc., essa contextualidade (*inness*) da fronteira-de-contato é positivamente simples de conceber: a membrana osmótica é o *órgão da interação* do organismo ambiente, ambas partes sendo obviamente ativas. No caso de um animal complexo e móvel dá-se o mesmo, mas determinadas ilusões de percepção fazem com que seja mais difícil concebê-lo. (PERLS, HEFFERLINE, GOODMAN, 1997, p. 69)

Os autores, ao entenderem a condição de organismo como campo organismo/ambiente, ressaltam a condição de contato que as partes do mesmo exercem no campo. Ao citar a membrana osmótica da planta, tornam clara, dentro de um sistema de contatos mais simples, a função e a intencionalidade da mesma. Podemos, em um movimento semelhante, fantasiar as possibilidades de contato da derme: a troca de calor com o ambiente, os calafrios que se sente na presença de alguém, as feridas e o processo de cicatrização após um contato abrupto com o chão. Aquilo à que se refere torna visível a condição de fronteira da corporalidade, como uma parte do ser que o coloca em um *continuum* de contatos com o meio, impossibilitando quaisquer possibilidades práticas de separação.

Em harmonia com o entendimento do corpo como fronteira com o mundo, Kierkegaard, filósofo do século XIX, (2009) traz uma visão sobre a experiência corpórea como algo que territorializa o ser na terra ao mesmo tempo que impõe limites. O filósofo em questão propõe uma leitura acerca da existência a partir da sua ambiguidade, e compreende que a capacidade fantasiosa do ser o apresenta à infinitude de possibilidades na dimensão abstrata da imaginação, enquanto corpo, a dimensão carnal, o limita diante das possibilidades reais. Por este viés, o corpo ganha caráter de fronteira, limite e morada da vivência.

Para além do corpo enquanto fronteira com o mundo concreto, na perspectiva da inseparabilidade entre o que usualmente denominamos interno-externo, é indispensável localizá-lo também como órgão de contato e integração. Neste sentido, todo fenômeno é um fenômeno existencial integrativo, abraçando as sensações, os movimentos, tudo aquilo que vem à tona na dimensão da corporeidade como parte significativa da experiência.

O corpo não apenas está situado no concreto, no âmbito das tarefas práticas, mas também está aberto às situações verbais e fictícias. O corpo se mobiliza no real e no virtual. Assim, quando nos entristecemos, recolhemo-nos, fechamo-nos para o mundo concreto, fechamos nossas pálpebras e lacrimamos, o corpo se põe triste. Da mesma forma, quando refletimos sobre algo ou desejamos algo não presente na forma de objeto tangível pelo volume e grandeza, desviamos o olhar do nosso redor para nosso mundo desejado. Nesse momento, o corpo pode até sorrir, mas sorri para o mundo sonhado. (PRADO et. Al, 2012, p. 783)

Dizer que o corpo é um órgão de contato e integração é enxergá-lo como uma ponte que nos permite encontrar aquilo que está além de nós, tal como

estabelecer nossas relações com o mundo, com as coisas e com os outros. Ao mesmo passo, é encarado como uma via expressiva do *continuum* de contatos que permeia o organismo contatante, e que expõe “algo” sobre a experiência de ser.

Merleau-Ponty (1994), filósofo e fenomenólogo, se dedica a compreender a experiência do corpo-fenomenal, tendo como fundo duas premissas: a existencialista “a existência precede a essência” e a fenomenológica de retorno às coisas mesmas. De outro modo, Ponty compreende a necessidade de superação da dicotomia moderna corpo-mente para compreender a existência em sua multiplicidade. O filósofo sugere um retorno ao corpo como via perceptiva e expressiva da experiência, retoma a discussão da consciência levantando uma transgressão à perspectiva racionalista e deposita a mesmo no corpo.

Assim, a fenomenologia de Merleau-Ponty é a proposta de um desvio do dualismo platônico que deposita na racionalidade intelectual a idealização de verdades, e uma superação do *cogito ergo sum* cartesiano, “penso, logo existo”, com um novo postulado: sinto, logo existo. Desta maneira, Ponty sugere que a consciência é, antes de tudo, perceptiva, sensitiva e carnal. Realocando a noção hierárquica da mente sobre o corpo para uma relação horizontal entre as dimensões vivenciais, ressaltando a dimensão corpórea como primeiro contato do ser com o mundo, mas ao mesmo tempo, dando a tonalidade de um corpo que tem memória, história e atribui sentidos à experiência (LIMA, 2014).

Nesta continuidade, a fenomenologia merleau-pontyana se atenta às noções primárias da percepção, às sensações. E seguindo, as concebe como via de acesso ao ser, uma vez que a consciência, depositada no corpo, é dotada de uma sapiência singular e de sentidos adjacentes à composição daquele sujeito que as sente.

Eu poderia entender por sensação, primeiramente, a maneira pela qual sou afetado e a experiência de um estado de mim mesmo. O cinza dos olhos fechados que me envolve sem distância, os sons do cochilo que vibram "em minha cabeça" indicariam aquilo que pode ser o puro sentir. Eu sentirei na exata medida em que coincido com o sentido, em que ele deixa de estar situado no mundo objetivo e em que não me significa nada. O que é admitir que deveríamos procurar a sensação aquém de qualquer conteúdo qualificado, já que o vermelho e o verde, para se distinguirem um do outro como duas cores, precisam estar diante de mim, mesmo sem localização precisa, e deixam portanto de ser eu mesmo. (MERLEAU-PONTY, 1994 p. 23)

O estudioso também ressalta a imprescindibilidade do cuidado e da postura fenomenológica de *epoché* ao reconhecer esta via de acesso, uma vez que as sensações não devem ser levadas ao lugar interpretativo, e sim, reconhecidas como aquilo que são: vivências.

Ao falar sobre corpo e Gestalt-terapia, Alvim (2011) resgata a definição da abordagem gestáltica como um estudo da operação da fronteira de contato no campo organismo-ambiente, assim, ao compreendermos a dimensão do corpo enquanto fronteira e órgão de contato, a fixação ou a cisão mente-corpo, eu-mundo, configuram modos de funcionamento neurótico (ALVIM, 2011). A autora frisa que a Gestalt-terapia, enquanto abordagem que tem por objetivo a ampliação de *awareness*, precisa se atentar à reintegração dessas dimensões da existência.

Por este viés, a dimensão da corporeidade é precisamente atrelada à noção de sujeito, ultrapassando possibilidades de coisificação do corpo somente como um meio para um fim, mas, na perspectiva contrária, compreendendo sobretudo corpo e sujeito como sinônimos. De tal forma, ser-corpo é essencialmente reconhecer outros seres-corpos, é dar carne aos existenciais de co-existência, ser-no-mundo, e de ser-em-relação. É compreender o Eu-Tu como um Eu-carne-Tu-carne. Quando assimilo a minha condição carnal, “vejo o corpo do outros nas suas possibilidades corpóreas humanas, capaz de abraçar, de realizar tarefas, de amar” (PRADO *et al*, 2012, p. 786).

Ao contatar o aspecto vivo da corporeidade assimilando com a noção básica de existir, entra em evidência a questão de como esse corpo então age, atribui sentidos e se relaciona com o mundo. Entendendo que, quando falamos sobre corpo nos referimos a algo além do corpo físico, objetivo, consideramos que *lieb*, o corpo-carne-dotada-de-vida é complexo e carrega consigo sua história enquanto constituinte de si mesmo. E assim, a forma como o corpo-fenomenal vem a ser no mundo é sempre tonalizada pela sua estrutura singular de ser.

O corpo dirige-se intencionalmente ao mundo e é parte fundamental para a “aparição” do mundo. A experiência da corporeidade é ação no mundo, ou seja, o corpo é um campo perceptivo-prático que dota a existência de um sentido de possibilidade, um eu engajado que se estende para o mundo. (ALVIM, 2011, p.4)

Por tal, concebe-se que ser-corpo é, por equivalência, agir-no-mundo, é integração das dimensões existenciais e elucidação da totalidade, como alguém

muito além da mera soma das partes, da existência. O corpo, pelo olhar fenomenológico-existencial-gestáltico, ganha caráter cartográfico quando se constrói a partir das experiências, ganha viés comunicativo quando entendido como órgão expressivo e integrativo, e ganha vida quando percebido como, mais que morada, a existência em si.

3. O CORPO CLÍNICO

A abordagem gestáltica compreende o ser a partir de sua ambiguidade totalidade-parte, uma vez que o enxerga como uma totalidade complexa ao mesmo tempo em que o percebe como parte constituinte do campo organismo/ambiente. Neste sentido, afigura-se a necessidade de refletir a composição de campo do ser-terapeuta, compreendendo que este também é afetado e constituído pelo fundo universalizado.

O gestalt-terapeuta busca a totalidade da forma, que inclui a fala e o gesto do corpo que acompanha a fala: os movimentos de braços, pernas, cabeça, o tom de voz, o olhar e seus movimentos. Enfim, tudo o que se apresenta enquanto uma ação emana do campo e toma uma forma, a partir da percepção de cliente e terapeuta. A estrutura da situação é a coerência interna de sua forma e conteúdo (PERLS *et al.*, 1997, p.93)

Martins e Moreira (2013), ao se debruçarem sobre a postura do Gestalt-terapeuta a fim de repensarem a clínica gestáltica, o afirmam como um observador do sistema-pessoa do consulente. Aqui, com um olhar de campo, buscamos propor o psicoterapeuta em questão como algo além. O gestalt-terapeuta como mais que um observador, um agente, e o sistema-pessoa como algo maior que o consulente, que engloba, sobretudo, o encontro psicoterapêutico. Assim, buscamos retomar a qualidade de ser que também está-sendo no momento clínico, o que evidencia a necessidade de autoconhecimento e de responsabilidade do clínico sobre as próprias tonalidades que vem à tona no espaço entre psicoterapeuta-cliente.

O grande desafio que surge neste momento parece ser o exercício prático de superação das dicotomias com o cuidado ético, entendendo que propor uma atenção do psicoterapeuta para suas próprias experimentações no campo, não é e nem deve ser confundido com a ideia de ocupar o espaço do encontro ou de tornar a situação sobre si. Na contramão disso, é uma proposta de presentificação radical e de entrega para ressoar a existência do consulente, de emprestar seu corpo para amplificar e validar aquilo que é posto em jogo.

Cardella (2020) ao escrever sobre cuidado e a condição de anfitrião do psicoterapeuta, se dispõe a refletir acerca de duas possibilidades de presença do clínico no encontro psicoterapêutico, o que chama de presença implicada e

presença reservada. Para a autora, ambos os modos de fazer-se presente e à disposição do cliente, dizem sobre uma postura de cuidado e de abertura do terapeuta para o devir do encontro. Assim, a presença implicada diz respeito à postura de acolhimento, de interpelação, de conversa, daqueles momentos nos quais a presença é expressa por uma maior atividade do psicoterapeuta; enquanto a presença reservada se refere aos momentos nos quais o profissional precisa reconhecer o lugar que ocupa e se recolher para dar o espaço do cliente vir-a-ser na relação.

Nessa perspectiva, será fundamental que o terapeuta, através de um trabalho pessoal, possa reconhecer limites, dificuldades, ansiedades de desempenho, necessidade de autoafirmação e aprovação, tendência à crítica e julgamento, compulsões em *fazer*, vazios que o levam a ocupar espaços excessivamente, tendências à sedução, necessidade de ser amado e admirado, inseguranças quanto a própria competência, etc. (CARDELLA, 2020, p. 59)

Assim, a autora pensa a questão da presença a partir da compreensão de campo que compõe a Gestalt-Terapia. Em outras palavras, a fluidez entre a presença implicada e a presença reservada, nos permitem territorializar o psicoterapeuta como parte constituinte do campo, e encontrá-lo como elemento do fundo da experiência do consultante.

É essencial incluir aqui que para a abordagem gestáltica a relação entre figura e fundo estrutura a forma em que o organismo faz contato no campo organismo/ambiente. Tal panorama é uma herança da Psicologia da Gestalt (D'ACRI *et al.*, 2016), que busca abarcar o modo de perceber o mundo pelo ser humano. Dessa maneira, queremos dizer que o ser, por estar sempre em relação com o mundo, hierarquiza a partir de suas necessidades e da intencionalidade para o contato, o que em cada situação vem à frente, figurando *gestalten*.

Aquilo que se entende como a estrutura de contato do ser, o que a Gestalt-Terapia chama de *self*, é a “força que forma a gestalt no campo; ou melhor, [o *self*] é o processo de figura/fundo em situações de contato.” (PERLS *et al.*, 1997, p. 180). É um sistema complexo de contatos (PERLS *et al.*, 1997) que, diferentemente de uma compreensão mentalista, ultrapassa a noção de uma entidade fixa e ocupa o território da fronteira do organismo/ambiente, sendo parte que evidencia o co-pertencimento da experiência ao organismo e ao ambiente. Para Távora (2014), uma forma de explicitar o conceito é “como o processo ativo e

permanente de perceber, selecionar, interpretar, sentir, valorizar, estimar, prever, agir, integrar e dar sentido a si e ao ambiente, mapeando a si mesmo enquanto em ação no campo.” (TÁVORA, 2014, p. 65)

Perls, Hefferline e Goodman (1997), como antítese à teoria psicanalítica da época, organizam a estrutura do *self* em três aspectos principais de contato, que levam os nomes propostos pela teoria em questão mas que divergem em essência. Ego, Id e Personalidade são funções que pertencem à estrutura mas não configuram sistemas separados, não havendo, por definição, hierarquia entre os mesmos. De maneira resumida, enquanto Ego se refere às funções deliberativas do processo de contatar, Id diz sobre o fundo determinado pelo corpo, que expressa a relação organismo/ambiente e Personalidade a figura formada que, ao ser assimilada no *self*, proporciona o crescimento da experiência do ser (PERLS *et al.*, 1997).

A função “id” é concernente às pulsões internas, às necessidades vitais e, especialmente, sua tradução corporal [...] a função “eu”, pelo contrário, é uma função ativa, de escolha ou rejeição deliberada [...] a função “personalidade” é a representação que o sujeito faz de si mesmo, sua autoimagem, que lhe permite se reconhecer como responsável pelo que sente ou pelo que faz. (GINGER; GINGER, 1995 *in* D’ACRI *et al.*, 2016, p. 127)

Ao abordarmos a estrutura de contato do ser, a dimensão do corpo-clínico enquanto via de experimentação do psicoterapeuta, o aspecto Id entra em evidência como função do *self* que figura a experiência não-deliberada e não intelectual. Em outras palavras, vem à frente a capacidade de contato e *awareness* do corpo, das sensações, da percepção primária, que permite a excitação do fundo caótico e a formulação de figuras.

A percepção não se constitui na mera soma de dados sensoriais recebidos passivamente pelo indivíduo. Ao contrário, ela é um processo ativo e sempre se refere a todos (*holos*) organizados sob uma forma ou estrutura de conjunto, uma Gestalt, cujas partes, se tomadas separadamente, não apresentam as mesmas características do todo [...] (D’ACRI *et al.*, 2016, p.112)

Neste sentido, conceber a percepção como um *holos*, tendo em vista a proposição merleau-pontyiana (LIMA, 2014), busca-se pensar em outra forma de produção de *awareness* do corpo-clínico no campo psicoterapêutico. O

fenomenólogo, na contramão do movimento mentalista hegemônico da época quando viveu, propõe uma ruptura com a hierarquia mente sobre corpo diante do tema da percepção. Merleau-Ponty (1994) propõe que toda percepção acontece primeiramente no corpo, e somente assim, torna-se passível de inteligibilidade. Assim, o filósofo nos convida a pensar o corpo, a carne e as sensações como órgão mediador entre as situações e os sentidos atribuídos a ela.

Por este viés, tomamos o corpo como via primária de contato, em consonância à filosofia kierkegaardiana que fixa o corpo na terra, no mundo, a função *id* do *self* ganha um lugar de protagonismo. Assim, ao pensarmos sobre a presentificação do psicoterapeuta enquanto corpo-no-campo as sensações experienciadas pelo mesmo tomam lugar central de primeira via de acesso à situação.

Seguindo essa perspectiva, surgem novas possibilidades de compreensão daquilo que acontece no encontro psicoterapêutico. Investigações acerca da própria experiência do psicoterapeuta como: “Como eu estou me sentindo?”, “Quais sensações essa situação me causa?”, “Como está sendo estar com o consultante nesse momento?”, “Isso que eu sinto diz sobre o que?”, “Onde essa questão me toca?”, entre outras; como questionamentos que contam algo acerca do campo que psicoterapeuta co-cria e ocupa, e do fundo da vivência do cliente no aqui-agora ao qual aquele pertence.

Assim, o corpo-clínico no campo expressa sua potencialidade de *awareness* da carne, das sensações, que evidenciam a corporeidade da experiência de estar-com e nos permite pensar a respeito da implicação desse corpo-clínico como instrumento do fazer-clínico. De outro modo, nos colocamos a refletir como os afetos que ultrapassam o profissional podem ser colocados no campo com a finalidade de dar suporte ao fundo para a excitação de alguns elementos e a emergência de novas figuras.

A seguir, compartilharemos dois breves relatos da experiência psicoterapêutica que baseiam e exemplificam os termos elaborados até aqui, sendo o primeiro deles estruturado por similaridades compartilhadas no campo universalizado e o segundo, caracterizado pela diferenciação dos papéis ocupados neste mesmo.

3.1 Relato da Identificação

Ao me deparar com um caso clínico de uma mulher que vivenciava um relacionamento heteronormativo conflituoso, pude perceber que os relatos daquela em minha frente me causavam certa angústia. Ao longo das sessões, diante das histórias, por vezes enfeitadas e felizes, que circunscreviam tal relação, minha angústia aumentava e cada vez mais me sentia sem vontade de estar com ela.

As sensações que me ultrapassaram foram: a preguiça no pré-encontro, angústia, embrulho no estômago e uma sensação de sufocamento durante nossas conversas e um péssimo sentimento de “não estar dando conta” que aparecia no momento em que a cliente saía de nossa sala.

Durante o meu processo psicoterapêutico pude colocar tais sensações que pareciam, até então, não ter relação com a história, em pauta. Ali, pude descobrir e mapear as minhas afecções, e assim, trazer à tona a percepção de que o campo com aquela cliente era denso, e que o sofrimento que reverberava em mim era a expressão de uma angústia que estava no fundo dos relatos da cliente. Pude perceber que enquanto mulher, cisgênera, heterossexual, eu também compartilhava do fundo univiersalizado de ser uma mulher dentro de uma sociedade estruturada por vários tipos cotidianos de opressões e microopressões. Pude perceber que, apesar da distância entre nossas histórias singulares, parte do que me angustiava pertencia ao fundo comum de ser mulher em um mundo feito para homens.

Em um certo momento de nosso caminho conjunto, me dispus a compartilhar a angústia que me afetava com a cliente, e, pela primeira vez, ela experimentou comigo a dor de sermos mulheres, sustentando ali o sofrimento e dando forma a uma *gestalt* que estava, até então, opaca.

Assim, novas reflexões surgiram e novas possibilidades de compreensão, de ação, de percepção, e de ser-no-mundo foram se estruturando.

3.2 Relato da Diferenciação

Um homem negro, alto, beirando os 50 anos, chegou até a minha clínica de psicoterapia. Eu, branca, baixa, mulher, com 25 anos, começando minha carreira enquanto profissional psicóloga. Durante nossos primeiros encontros pairava algo sobre o campo que eu não conseguia reconhecer. Ao longo das sessões pude

experimentar sensações visuais de ver aquele homem grande como pequeno e encolhido no canto da sala, outras vezes experienciei um sentimento de distanciamento, mesmo que as narrativas fossem compostas de situações íntimas.

Com o passar do tempo e o desenvolvimento da nossa relação, me senti confortável para compartilhar essas sensações com ele. Assim, o mesmo pareceu sentir-se convocado a compartilhar como experienciava nossos encontros. Uma das sensações que trouxe à tona no nosso campo compartilhado foi o sentimento de impotência diante de mim: contou que apesar de me enxergar como uma profissional, se assustava com a realidade de encontrar-se com uma mulher tão jovem e que tinha feito faculdade, que por vezes sentia medo de parecer “burro” por não tê-lo feito.

Pela primeira vez me senti próxima dele, quando pudemos conversar e racializar o território que nós, seres constituídos por tempo e lugares absolutamente diferentes da sociedade, ocupamos juntos.

A “instrumentalização” do corpo, das sensações, da experiência do psicoterapeuta no campo precisa ser pensada não somente como um meio para um fim. A própria noção de “instrumento” comporta a tonalidade de uma relação objetificante Eu-isso, que busca produzir algo na situação clínica. No sentido oposto, a ideia de perceber, mapear e, quando fizer sentido, compartilhar as sensações vivenciadas no corpo-clínico, é uma proposta de trazer ao campo compartilhado algo que é da experiência singular de estar-sendo-com-o-outro. É uma proposição de fazer do saber-clínico uma alusão ao dito popular de Santo Agostinho: “mais vale um erro nítido que um acerto opaco”, sugerindo que trazer à tona o comumente “não dito” abre novas possibilidades de caminhos a serem seguidos com a segurança de estar vendo onde se pisa.

4. CONCLUSÃO

Levando em consideração as perspectivas que foram expostas, observa-se que, na contramão da herança positivista de controle e previsibilidade, a clínica gestáltica surge como uma postura de rompimento com as ideações reducionistas e, diga-se de passagem, ilusórias, de controle e previsão. A concepção de que somos parte de um todo universalizado nos tira do papel de donos do saber sobre o outro e nos debruça nas possibilidades de compreensão, observância e acompanhamento daquele que está além de nós.

Percebemos a vida como corpo-no-mundo, o que ultrapassa as dimensões dos cinco sentidos: tato, olfato, paladar, visão e audição individualizados. Nada do que se vê é visto somente com os olhos, nem o que se escuta é escutado de maneira límpida. O sabor carrega emoção, o cheiro comporta memória, o toque tem morada na experiência. Sempre somos um complexo tonalizado pela nossa história, pelo nosso lugar no mundo, no tempo, pelas emoções, sofrimentos, e os sentidos que ao longo de nossas vidas constituímos.

O que eu tenho na percepção não são verdades, mas presenças, e o que me dá o objeto em sua totalidade significativa é uma síntese corporal - síntese prática ou de transição que me leva de uma perspectiva a outra e que me permite vislumbrar, em um futuro próximo, que se avizinha, o outro lado ainda não dado, mas presente e alcançável com um gesto. É o corpo, tal como já propôs Husserl e retoma Merleau-Ponty, que me dá o sentido de possibilidade: um "eu posso". A corporeidade me dá um sentido provisório, tácito e escorregadio. Tudo que percebo comporta uma dimensão além do que me é dado objetivamente. Nada me é dado inteiramente. (ALVIM, 2011, p. 5)

Quando Perls, Hefferline e Goodman (1997) afirmam que não faz sentido investigar os seres vivos sem compreendê-los como organismos interacionistas com seus meios e Rehfeld (2013) complementa nos mostrando que, ao falarmos de existência separar as circunstâncias que caracterizam as situações é negar as situações em si, emerge a demanda de integração das experiências dos agentes presentes na clínica. A existência transgride noções de causalidade e correlação e se constrói na transversalidade da alteridade.

Neste sentido, pensar uma clínica pela perspectiva holística, de campo, relacional dialógica, e sobretudo, gestáltica, é pensar o *sine qua non* existencialista.

Ser-no-tempo, ser-no-mundo, ser-corpo, cuidado e ser-com são todos presentes no encontro terapêutico.

Ao localizarmos o ser na experiência, a experiência no organismo e o organismo no campo relacional, ultrapassamos a lógica platônica dualista mentalista. Nesse mesmo movimento, territorializa-se o objeto da psicoterapia na relação, incluindo terapeuta na experiência do consulente. Territorializado o psicoterapeuta na experiência, no campo, como parte essencial da relação terapêutica, novos horizontes se abrem à serem explorados.

Estamos longe do mito médico e paramédico do terapeuta “onipotente”, com poder de vida e morte, tanto quanto do terapeuta protegido (aprisionado?) atrás de um cânone solidamente sancionado, e que é aquele que “sabe”. Estamos mais próximos do terapeuta gestaltista que é aquele que “ignora” (!), e acompanha na aventura seu cliente, único responsável por ele mesmo, em sua experiência singular e irreduzível, anômica e polissêmica, ou seja, que não obedece leis gerais preestabelecidas e pode adquirir diversos significados — não exclusivos entre si — conforme a leitura do próprio cliente, considerado em sua Gestalt particular do momento. (GINGER, GINGER, 1995, p. 144)

Compreendemos que o psicoterapeuta não está isolado, tampouco exposto às todos os eventos vivenciados no encontro (GINGER, GINGER, 1995), por tal, nega-se o que Perls chama de empatia rogeriana de aceitação incondicional, ou a apatia psicanalítica de neutralidade, em voga de uma postura de simpatia sobre a existência do outro: “o terapeuta está presente como pessoa, numa relação atual “Eu-Tu” com o cliente. Ele desperta a *awareness* deste último para sua interrelação com o meio (que, no caso, é o terapeuta) e explora deliberadamente sua própria contratransferência como motor do tratamento.” (GINGER, GINGER, 1995, p. 146).

Ao fixarmos a premissa de psicoterapeuta como corpo-no-mundo, vamos além da dimensão de sentidos individualizados e da sugestão de alguma neutralidade, uma vez que, não há neutralidade nem experiência do outro e do mundo que não seja tonalizada pela concepção singular do ser-no-campo universalizado.

Por tal, urge também a necessidade da discussão acerca das responsabilidades do corpo-clínico diante de sua própria postura. Tal como seus

próprios processos de autoconhecimento e de cartografia do ser que está-sendo em cada evento.

A compreensão de que nós, seres humanos, somos um complexo, sempre finalizados pelos sentidos que ao longo de nossas vidas vão se constituindo, evidencia a postura de *epoché* como uma arte de se fazer presente. Assim, colocar entre parênteses a experiência individual pré-concebida não é sobre negar a mancha permanente da singularidade, e sim, sobre reconhecê-la e não deixá-la à deriva da falácia da neutralidade. Nos afetamos, nós afetamos, e a presentificação diz sobre a abertura de se permitir a experimentar o ser-com no aqui-agora como algo diferente daquilo que já foi experimentado antes.

Suspender pré-concepções demanda, antes de tudo, da compreensão e do reconhecimento de que elas existem, tanto como do mapeamento de onde elas nos ocupam e como elas se expressam. Abrir para o novo propõe uma identificação do anterior que há no corpo, e da novidade que o outro é para o terapeuta, como alteridade. Deixar-vir, como postura de abrir mão do controle e de emprestar, tempo, espaço e carne para a dor do outro ganhar forma, tom e clima.

Construir uma clínica de corpos-no-campo tem a intenção de produzir um território que sustente o direito à diferença e à afecção. É pensar sobre a responsabilidade de estar disposto a desbravar a infinitude e imprevisibilidade do vir-a-ser. E, por fim, retificar que toda experiência é uma experiência válida, e que todo campo é um campo relacional.

Em meio a forças individualistas e nosológicas, a perspectiva da coexistência e da presentificação estetiza a clínica gestáltica como um fazer ético, estético e político de compreensão e de autenticação das diferentes formas de ser, de se afetar, e de se fazer no mundo.

REFERÊNCIAS

ALVIM, M. **O lugar do corpo em Gestalt-terapia**: dialogando com Merleau-Ponty. Revista IGT na Rede, V.8, Nº15, 2011. <Disponível em: <http://www.igt.psc.br/ojs/>> Acesso em 17 de Outubro de 2022.

BUBER, M. **Eu e Tu**.(N. A. V. Zuben, Trad.)São Paulo: Centauro, 2001.

CARDELLA, B. H. P. **De volta para casa**. Amparo: Gráfica Foca, 2020.

D'ACRI, G. LIMA, P. ORGLER, S. (org). **Dicionário de Gestalt-terapia**: “Gestaltês”. São Paulo: Summus, 2016.

FRAZÃO, L. FUKUMITSU, K. (org). **Modalidades de intervenção clínica em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2016.

FRAZÃO, L. FUKUMITSU, K. (org). **Gestalt-terapia**: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas. São Paulo: Summus, 2013.

FRAZÃO, L. FUKUMITSU, K. (org). **Gestalt-terapia**: conceitos fundamentais. São Paulo: Summus, 2014.

GINGER, S. GINGER, A. **Gestalt: uma terapia do contato**. São Paulo: Summus, 1995.

HALL, C. S. e LINDZEY, G. **Teoria da Personalidade**. São Paulo :EPU, 1973.

INSTITUTO DE TREINAMENTO DE PESQUISA EM GESTALT-TERAPIA DE GOIÂNIA - GO. **Teoria de Campo de Lewin**. Disponível em <https://itgt.com.br/wp-content/uploads/2012/10/TeoriaCampo_ProfSandra.pdf> Acesso em 24 de Setembro de 2022

KIERKEGAARD, S; **A Repetição**. Lisboa: Relógio D'Água editores, 2009

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LIMA, A(org.). **Ensaio sobre fenomenologia: Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty**. Ilhéus, BA: Editus, 2014.

MARTINS GIANSANTE, M.A.; MOREIRA, L. **A postura do Gestalt-Terapeuta**. IGT na Rede, 2013. <Disponível em <https://www.igt.psc.br/ojs3/index.php/IGTnaRede/article/view/380/508>> Acesso em 21 de Outubro de 2022.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

PERLS, F. HEFFERLINE, R. GOODMAN, P.[tradução Fernando Rosa Ribeiro]. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.

POLSTER, E.; POLSTER, M. **Gestalt-terapia integrada**. São Paulo: Summus, 2001

PRADO, R; CALDAS, M; QUEIROZ, E. **O Corpo em uma Perspectiva Fenomenológico-Existencial**: Aproximações entre Heidegger e Merleau Ponty. PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO, 32 (4), 776p.

RIBEIRO, JP. **Conceito de mundo e de pessoa em Gestalt-terapia**: Revisitando o caminho. São Paulo: Summus, 1997.

YONTEF, G. **Processo, Diálogo e Awareness**: Ensaio em Gestalt-terapia. São Paulo: Summus, 1998.